

## Fazenda Maracujá: as palavras fracas e as palavras fortes

Lúcia Maria de Jesus Parcero  
(Universidade do Estado da Bahia)

### Introdução

No semiárido baiano, é comum haver, em seus diversos municípios, comunidades afrodescendentes semi-isoladas, sobre as quais pouco ainda se sabe sobre sua formação sócio-histórica, bem como sobre características da escravidão a que foram submetidas. Uma dessas comunidades, na qual se desenvolve esta pesquisa é a Fazenda Maracujá (FM), situada a cerca de 20 km da sede de Conceição do Coité, município que foi ponto de comércio de escravos, como pode ser atestado pela documentação de compra e venda de escravos, assim como por cartas de alforria arquivadas no cartório local. Fatos da escravidão estão, ainda hoje, na memória dos mais velhos.

A localidade tem uma população remanescente de quilombo formada inicialmente por quatro irmãos que adquiriram a terra: seus descendentes constituíram famílias casando-se entre si e, até então os habitantes guardam um tipo de relação fechada. De passado escravo, o local conta hoje com aproximadamente quatrocentos moradores em sua maioria lavradores, analfabetos que vivem em pobreza extrema.

Sabe-se que, no período da escravidão, nos grandes centros urbanos, alguns escravos originários das mesmas diversas nações (*jeje, nagôs, haussas, congos, angolas, moçambicanos*, entre outros) aos poucos foram se organizando em terreiros de candomblé; outros criaram irmandades religiosas junto à Igreja Católica, como estratégias para preservarem suas tradições, desenvolvendo uma *consciência racial*<sup>1</sup>. Ainda hoje, continuam se organizando não mais em irmandades, embora essas ainda existam, mas através da música, de expressões artísticas e

---

1 Vale precisar que se entende raça como uma construção histórica e não como um dado da biologia; assim, não é a cor da pele nem os demais traços fenótipos de um grupo que vai determinar a sua identidade.

principalmente do candomblé. Em algumas regiões do país, a cultura afro vem conquistando espaço, contribuindo, dessa forma, para mudar o quadro de discriminação étnica muito presente em nossos dias.

Embora até recentemente a prática do candomblé fosse perseguida, sua resistência tem contribuído para uma mudança de atitudes e, nos últimos anos, iniciados do candomblé já não hesitam em divulgar ao mundo exterior certos conhecimentos, contos ou mitos relacionados ao divino. Essa mudança de atitude tem levado os afrodescendentes a buscarem ações afirmativas<sup>2</sup> junto à sociedade, em diferentes áreas sociais, para a reversão das desigualdades ainda presentes.

Por outro lado, a zona rural, em particular a comunidade objeto deste estudo, não parece estar passando pelo mesmo processo – o desenvolvimento da consciência racial – pois pouco se sabe ainda sobre as suas tradições religiosas e culturais. As atividades exercidas no candomblé não são assumidas fora de seus grupos, já que são ainda muito estigmatizadas pela sociedade circundante.

Assim, dada a escassez de estudos sociolinguísticos que analisem, com base no discurso dos sujeitos, a relação entre a língua, a sociedade e a cultura, em particular, no que se refere às atitudes sobre a língua de sua expressão cultural por seus moradores, bem como a respeito das atitudes dos sujeitos em seu entorno, esta pesquisa pretende acrescentar novos dados aos demais trabalhos realizados nessa área, contribuindo com o estudo da linguagem de grupos minoritários no país.

O presente trabalho tem objetivo de depreender as atitudes linguísticas sobre a variante da comunidade FM, como matriz de sentido. As atitudes são analisadas no sentido de verificar a avaliação dos falantes a respeito de sua própria língua e da língua do outro. Nessa perspectiva, incluem-se as crenças e os valores, as reações emocionais e as representações sociais ativas no sujeito em seus grupos sociais.

Os estudos têm como abordagem teórica os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, com base nas concepções postuladas por Fasold (1984), Fishman (1972), Gumperz e Dell Hymes (1972), Dell Hymes (1964), Saville-Troike (1989), entre outros. Ademais, como se entende que as atitudes linguísticas e, portanto, as representações da língua e de suas variantes, fazem parte do objeto da sociolinguística, a concepção teórica mencionada articula-se à abordagem das representações sociolinguísticas com base nos trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo Bourdieu (1983; 1998). Assim, a pesquisa ultrapassa a simples categorização de fatos e estende o entendimento do sistema cultural para a língua, já que, ao mesmo tempo, relaciona língua e organização social, papéis de relacionamentos

---

2 Por ações afirmativas entendem-se medidas especiais e temporais, tomadas pelo Estado e/ou pela iniciativa privada, espontânea ou compulsivamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo igualdade de oportunidades e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, por motivos sociais, étnicos, religiosos, de gêneros e outros.

de valores e crenças e outros padrões de comportamentos partilhados, que são transmitidos de geração a geração no processo de socialização e de aculturação.

É, portanto, com base nos pressupostos apresentados que se pretende estender a análise dos dados da pesquisa à observação de comportamentos e de seus significados no dia-a-dia da interação social, em um contexto mais amplo em que os comportamentos estão inseridos.

O presente trabalho divide-se em três seções. A primeira apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a pesquisa, assim como se examinam os dados referentes ao grupo de base da pesquisa, constituído pelos informantes da comunidade.

Na segunda seção, apresentam-se dados coletados em dois grupos da comunidade FM, analisam-se os excertos e comparam-se as características específicas das variantes linguísticas de cada grupo, como procedimento necessário à compreensão das atitudes e representações sociolinguísticas dos dados analisados.

Sintetizam-se, posteriormente, os resultados da pesquisa e apresentam-se as referências.

## 1 Pressupostos teórico-metodológicos

Nesta seção, são apresentados dados da teoria que embasa a pesquisa e, posteriormente, explicitam-se aspectos da metodologia e da coleta de dados, que caracterizam o estudo feito.

### 1.1 A teoria

Entre as abordagens da sociolinguística, a ênfase nesta pesquisa é dada ao estudo das atitudes linguísticas, uma vez que tais atitudes e crenças afetam não só os fenômenos particulares específicos como o plurilinguismo e, em particular, a variedade intralinguística. A Sociologia da linguagem proposta por Fishman (1972) interessa aos propósitos desta pesquisa, uma vez que

Investiga a interação entre dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização do comportamento social. De modo resumido, a sociologia da linguagem focaliza uma gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento da língua, incluindo não só o uso da língua *per se*, mas também atitudes e comportamentos abertos a respeito da língua e de seus usuários. (FISHMAN, 1972, p. 1)

A essa linha de pesquisa pode se acrescentar a definição de marcação de papéis sociais, atitudes, sobre diferentes línguas e variedades de linguagens, que refletem

percepções e influenciam a interação no interior ou fora das fronteiras de uma comunidade de fala.

Fasold (1984) define os possíveis objetos de estudos de atitudes sobre a linguagem como segue:

- a) O que pensam os falantes sobre as línguas (se são ricas, pobres, feias ... )
- b) O que pensam sobre os falantes das línguas e dialetos;
- c) Atitudes em relação ao futuro de uma língua.

Neste caso, atitude linguística pode ser entendida como parte do sistema para organizar e relacionar valores e crenças e comportamento a um conjunto de julgamentos éticos e estéticos (FASOLD, 1984, p. 176).

De modo semelhante, Saville-Troike (1989, p. 180) caracteriza o estudo sobre atitudes linguísticas:

- a) Aquele que explora atitudes gerais sobre a linguagem e as habilidades da linguagem (quais as línguas ou variedades são melhores que outras, para qual conceito de letramento (*literacy*) é avaliada);
- b) Aquele que explora impressões estereotipadas sobre a linguagem, seus falantes e suas funções;
- c) Aquele que foca sua pesquisa em interesses sobre aplicações (por exemplo, a escolha e uso da língua e aprendizado da língua).

Uma das razões pelas quais as atitudes interessam à etnografia consiste em que falantes raramente podem escolher conscientemente que atitudes ter em relação a uma determinada variedade de linguagem, uma vez que as atitudes são adquiridas pelos membros de um grupo como parte da cultura ou no processo de aculturação em uma comunidade particular de fala. Tais atitudes podem basear-se em fatos reais, mas, na maioria das vezes, se originam a partir de crenças imotivadas, assegura a autora.

## 1.2 Considerações metodológicas e coleta de dados

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, considerando que nos interessa não é apenas o que os informantes dizem, mas também como e porque eles dizem; assim, os procedimentos metodológicos são orientados pela Etnografia, pois, como mencionado anteriormente, nessa abordagem a cultura corresponde a padrões simbólicos e a língua é apenas um desses sistemas simbólicos no processo de comunicação. Desse modo, interpretar o significado do comportamento linguístico requer conhecer o significado no qual ele está inserido. Com efeito, a fonologia, a gramática e o léxico, que são objeto da descrição linguística, constituem apenas uma parte dos elementos da língua usados para a comunicação, para os quais devem ser incluídos os fenômenos que têm significado convencional em cada comunidade de fala (SAVILLE TROIKE, 1989, p. 22). Aqui se procurou,

inicialmente, conhecer a comunidade para neutralizar essa situação de preconceções, buscar dados de diversas maneiras possíveis, combinar medidas objetivas às subjetivas, a fim de ter acesso mais preciso ao grupo.

Como principal instrumento na coleta de dados, utilizou-se o recurso de entrevistas para obter os dados linguísticos, bem como um amplo conjunto de informações sobre as relações socioculturais. Quanto às questões e ao estilo das entrevistas, o tipo mais comum é composto de questões abertas, de modo que possibilitem ao entrevistado falar de suas experiências, seus saberes, suas crenças, seus valores para se obter um amplo conjunto de informações necessários à análise e interpretação dos dados.

Nossos experimentos e a análise apresentada [sobre alternância de códigos] demonstram a importância do significado social não referencial para o estudo da linguagem na sociedade. A observação naturalmente naturalística do comportamento da fala não é suficiente. Para interpretar o que ouve, o pesquisador deve ter algum conhecimento da experiência da cultura local e do processo que gera o significado social. Sem isto é impossível generalizar sobre a implicação social de diferenças dialetais (GUMPERZ, 1972a, p. 556).

Da citação destacam-se dois aspectos principais a serem considerados nesta pesquisa. Primeiro, o conhecimento da experiência da cultura local, que se tentou adquirir através da opção por questões abertas nas entrevistas e pela observação e participação em eventos na comunidade. Segundo, o significado social; nesse sentido buscaram-se os comportamentos e as relações sociais construídas no processo sócio-histórico entre os moradores e seus pares.

Os dados foram coletados no período de 2000 a 2002, a partir de entrevistas semi-estruturadas, com base em um roteiro temático sobre a formação e a vida da comunidade. Foram abordados assuntos sobre o trabalho na roça, na casa de farinha, o trabalho no motor para o processamento do sisal, as práticas religiosas, bem como as festas e outros.

## **2 Dados coletados na Fazenda Maracujá**

Para este artigo, selecionamos quatro entrevistas, de informantes acima dos 50 anos e que geralmente não foram alfabetizados, alguns mal assinam o nome. Esses informantes fazem parte do grupo GR1.

Selecionamos também quatro informantes de 21 a 40 anos para constituir o GR2. A análise foi feita a partir das entrevistas desses informantes.

## 2.1 A escola é a enxada

O grupo 1 (GR1) é constituído de pessoas mais velhas que não estudam e não têm contato regular com pessoas de fora da comunidade: seu conhecimento do mundo advém da prática. Esses conhecimentos incluem o trato com a terra; as fases da lua adequadas a determinadas culturas, as estações da chuva (os meses) apropriadas para o plantio de cada lavoura (milho, feijão, mandioca), o combate às pragas; o uso das ervas medicinais e das rezas para curar as doenças e afastar o mal.

Os trechos para análise foram selecionados dos informantes constantes do Quadro 1.

**Quadro 1** Características dos informantes do Grupo 1 (GR1).

Informante	sexo	idade
AMS	f	56 a
TBS	m	59 a
SPS	m	75 a
MVJ	f	70 a

O GR1 é composto por informantes idosos, que têm pouco contato com as pessoas de fora da comunidade, geralmente não alfabetizadas alguns mal assinam o próprio nome.

(1) AMS, informante de 56 anos, nascida na comunidade FM, semi-analfabeta, lavradora, líder religiosa reconhecida na localidade. Apesar dos maus tratos da vida, é uma pessoa disposta, falante, determinada. A seguir alguns trechos de sua entrevista.

Ela sabe que eu num sô formada. Ali num é formado. Ela sabe que a língua da gente é língua de nafabeta. Ela num qué nem sabe disso, né certo? Oh! Meu Deus você é tola minha fia ... Refere-se à crítica pela filha à fala da mãe com a entrevistadora.

Num sô boa estudada, sei vendê (...) mas graças a Deus pra eu sabê que ônibu vô pegá, que carro vô pegá tá bom demais.

AMS acrescenta que ‘chega no supermercado sei compra (...). Para, além disso, ao assumir a língua de ‘nafabeta’, o fato da assimetria pesquisadora *versus* entrevistada não a inibe, nem a incomoda. Ela age como alguém que só dispõe daquele recurso em relação à fala e, por isso, não tem que escolher entre formas

alternativas, o que a deixa muito à vontade para falar, já que a insegurança linguística, motivada pela questão do ‘certo’ e do ‘errado’ pode contribuir, e muito, para a inibição dos sujeitos.

(2) SPS, informante de 75 anos, nascido em Vagem, localidade vizinha à FM. É não alfabetizado, mora na comunidade desde 1951. Ele é lavrador, canta chula e samba, faz parte do grupo de sambadores da região.

Doc. E a escola, você já frequentou alguma escola?

Inf. Minha senhora, nesse tempo o pai da gente num botava nós prá estudá, botava era no seuviço. Eu num sei fazê uma letra.

Doc. Nunca foi à escola?

Fui mas num aprendi nada.

Doc. Ah! Quando é que você foi [à escola]?

Inf. Ah, minha senhora, tá veio eu num era casado ainda. Foi ni Alma.

Doc. E seus filhos? Ah! seu filho, só tem um, né?

Inf. É a mulé teve nove. Sete fio e duas mulé ... sete foi macho, home ... [dos nove] só criou aquele. Esse sabe assiná o nome dele. Num foi porque eu num botei ele na escola, gastei muito com ele, mas o interesse era poco.

Doc. Ele preferiu o trabalho, né?

Inf. É agora meus neto sabe o drobo que ele num sabe.

Doc. Sabe? Eles estudam onde, seus netos?

Inf. Aí no prédio.

Doc. Agora você vai falar sobre a fala daqui, da comunidade FM.

Inf. A comunidade, quando eu vô lá, eu convesso cum a mesma voz q’eu tô convessano aqui.

Doc. O que você acha de sua fala?

Inf. O qu’eu acho que num tenho jeito de muda a fala. Convesso assim canto assim como a senhora já viu eu cantano.

Doc. E sobre a linguagem dos mais jovens, o que você acha? Dos seus netos por exemplo..

Inf. Eles pode fala mais diferente porque eles tá no MOBRÁ e eu num tô, o meu pai num me botô. O tempo de eu i prá escola meu pai me botava era na roça prá tabaiá.

(3) TBS tem 59 anos, nasceu e se criou na FM, quando jovem saiu para trabalhar fora, inclusive em uma firma em Salvador, onde aprendeu a assinar seu nome.

Inf. ... quande eu saí daqui eu num ... eu num ... sabia nem fazê meu nome, porque nossos pai tinha ... achava difíci pá pessoa aprendê lê , dava

pra ... pá ensiná era trabaiá, puxá a enxada ai ... eu disse tem fé em Deus que inda q'eu vô fazê meu nome. Até que um dia qu'eu achei uma firma pá trabaiá, pra eu trabaiá que tinha uma escola ... aí eu estudei um mês e quatoze dia. Eu já fazia até bilhete, mas sabe, cum tempo, cum tempo esqueci quase tudo, mas meu nome ainda eu faço.

Doc – E seus filhos tem algum não alfabetizado?

Inf – Não. Graças a Deus todos ele sabe lê, num tem nenhum que nem eu.

(4) MVJ, nascida na comunidade, tem 70 anos, não alfabetizada, hoje sai pouco e se dedica mais aos trabalhos de casa, já que uma deficiência da visão não permite os trabalhos na lavoura. No que diz respeito à religião, embora ela se diga católica, é praticante do candomblé e atualmente oferece um caruru em sua casa, geralmente no último domingo de setembro, em agradecimento a São Cosme e Damião pela sua cura (quando jovem teve uma espécie de paralisia em uma das pernas, o que lhe deixou uma sequela).

Inf. Hum ... é prá fala mais arto?

Oh!. Meu Deus, colé o povo vem ... vem gente das 'A[h]ma' como diz a histora, os menino chama (A[w]mas, mas eu chamo é as 'A[h]ma' (risos) vem gente das A[h]ma vem da Chapada vem de todo lugá que quera vim.

Doc. E como é que você conversa?

Inf. Ói eu aí convessano (risos). Num tenho ôta fala mudada?

E seus netos falam igual a você?

Inf. Meus neto igualmente a mim mesmo. Aí quano eu convesso assim, eles porque tá estudano e é da modernage [dizem] Eta! Óia pá madinha como é que convessa. É assim madinha. Eu digo 'não meu fio, eu vô convessá é assim, eu num sei como é não [eles] cai de sorrir, sorrindo de eu que ele convessa bem falado e eu num sei convessá. Isso é eles que diz.

Doc. Você não acha nada disso?

Inf. Eu não senhora (risos) ... 'Ói pá madinha, madinha fala assim'. E cumé Que fala Moriço [Maurício]? Aí ele cai de sorri.

Para Schlieben-Lange (1993, p. 94), os falantes de uma língua sabem muito sobre ela e são capazes de explicitar esse saber até determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são os elementos estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são os surpreendentes e novos (baseando-se num saber sobre as possibilidades sistemáticas de sua língua e sobre aquilo que normalmente é realizado nela).

A esse respeito podem-se observar dois fatos de conhecimento intuitivo da informante, sobre o seu desempenho, isto é, o conhecimento implícito que o falan-



te nativo tem de sua língua materna e, por outro lado, como diz Schlieben-Lange, os falantes sabem muito sobre sua língua ou variante. Neste caso, a informante sabe que a realização [h] em Armas (nome de localidade) faz parte do repertório linguístico de sua comunidade, assim como sabe também que essa forma encontra-se em variação com a realização [w] na fala dos mais novos [os netos] ‘**está estudano e é da modernage**’ Assim, temos na comunidade [h] ~ [w], sendo que [h] corresponde à realização das pessoas mais velhas, não escolarizadas e [w] corresponde à realização fonética dos mais novos sob a influência da escola. Como se sabe, a atividade verbal, seja ela oral ou escrita, importa necessariamente no conhecimento implícito das regras gramaticais, ou seja, da gramática de sua língua ou variedade.

Constata-se, então, que a informante tem conhecimento intuitivo de aspectos internos ao sistema linguístico. Sabe que, em sua gramática, naquele ambiente fonológico [w] é realizado como [h]. Ela demonstra também conhecimentos extralinguísticos que diferenciam a sua variante [h] da variante de seus netos [w]. Do ponto de vista da avaliação que a informante faz da variante, o trecho revela que, diferentemente dos mais jovens, a exemplo de seus netos, a informante não atribui um valor social às diferentes formas de falar, está satisfeita com o seu próprio modo de falar e, por isso, não demonstra qualquer conflito que implique desejo ou necessidade de mudar. Quanto à avaliação estética (bonita, feia, elegante etc.), também não avalia negativamente sua fala ‘**eu num acho não senhora ... eu acho do mermo jeito**’.

A grande maioria dos moradores nem sequer assina o próprio nome, alguns assinam o nome e leem alguma coisa. Para os representantes desse grupo, saber assinar o nome e ler o necessário para exercer algumas atividades práticas como pegar ônibus, saber comprar ou vender em um mercado em uma feira, é suficiente. Hoje, entretanto, essas pessoas até se sacrificam para que os filhos estudem e se orgulham de eles saberem ler e de terem outros conhecimentos proporcionados pela escola. Vale ressaltar que os informantes desse grupo não apresentam insegurança linguística. Falam com muita naturalidade, sentem prazer ao falar de suas atividades do dia-a-dia, a presença do gravador não traz desconforto e nem os inibe.

## 2.2 As palavras fracas e as palavras fortes

O Grupo 2 (GR2) consta de quatro gravações de informantes homens e mulheres na faixa etária entre 21 a 39 anos, moradores da FM alfabetizados ou semi-alfabetizados. Caracterizam-se como sujeitos que têm algum tipo de contato mais frequente com a sede do município.

**Quadro 2** Características dos informantes do Grupo 2 (GR2).

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>idade</b>
LRS	M	39 a.
GVN	F	36 a.
ILD	M	21 a
VNS	F	21 a

Os trechos a seguir destacados foram selecionados das entrevistas com os informantes e versam sobre as atitudes a respeito da variação linguística da comunidade.

(5) LRS tem 39 anos é o líder da comunidade, estudou até a quarta série do nível fundamental. Nasceu em Cansanção, fazenda próxima, casou na FM, onde mora há mais de quinze anos.

**Doc.** Com referência a língua do Maracujá, você percebe alguma diferença em relação à falada em Maracujá e aqui em Conceição do Coité?

**Inf.** Ói, por exemplo, a gente sente que existe **alguma diferença da língua pelo pessoal não tê um português afinado** e aí sente que eles **falam um monte de coisas errada**, mas só que é o seguinte tem que entendê que eles erram porque eles num pode acertá (...) **tenho a maior certeza que eles tinha vontade de falá as coisas ... a língua correta**. Mas prá eles quando eles tão falano errado, ali eles num percebem que errou. Eles falam errado sem saber que tá errano (...)

(6) GVN nasceu na comunidade, tem 36 anos e é a agente de saúde e a representante da Igreja Católica no local, assim, periodicamente necessita ir à sede do município a fim de participar de alguma reunião, além de cursar, atualmente, o segundo grau também na sede do município, o que a leva a ter um contato externo à comunidade mais frequente.

**Doc.** O que você acha da fala da comunidade?

**Inf.** O pessoal **daqui a maioria fala muito errado. Faltando letras, puxa na letra**.

**Doc.** E você acha a fala daqui, bonita, feia?

Não eu acho bonita, que cada um tem um sotaque, né? A de TSF, inclusive é diferente da minha, **ela puxa mais um pouco**.

**Inf.** tem pessoas que **fala mais correto**.

**Doc.** E o que significa **falar mais correto**?

**Inf.** Falar correto? As palavras certas porque tem gente aqui que Coité, chama [Coi[té] e eu acredito que o correto é [Coi[té], então a gente respeita as crenças das pessoas.

**Doc.** Aqui na comunidade quem você considera que fale bem, fala melhor a língua portuguesa?

**Inf.** Fala melhor, **aquelas pessoas mais jovens, eles falam mais correto**, porque eles estão estudando. Lá na escola eles estão vendo como é a prática, esse pessoal mais velho tipo minha mãe, minha tia, esse pessoal **eles falam incorreto**, eu acho.

**Porque estudam os jovens, normalmente falam mais correto, se eles não estudassem eles estavam [inint] os pais falando a mesma coisa.**

(7) ILD nasceu e se criou na comunidade FM, há três anos vem tentando concluir o 1º ano do segundo grau, mas quando chega na metade do ano, por dificuldades diversas sempre desiste. Atualmente trabalha na comunidade como agente de família<sup>3</sup>.

**Doc** – E quanto à língua daqui do Maracujá, você sente alguma diferença do pessoal de fora?

**Inf.** – as pessoas que estudam ele tem uma maior facilidade prá fala, geralmente ele tá com os livros, com os professores, eles vai para algumas reuniões, participa de algumas palestra e observa maia o fala, o linguajá das pessoas e com isso tem mais **facilidade de conversar**. Os mais velhos, não por não estudar, o motivo que num sai assim muito, não lida muito assim com as pessoas que sabem bem a língua, aí tem **certa dificuldade de falá**, por esse motivo. Assim, no termo da língua mesmo, tem pessoas, eu vejo velhos fala assim na **ôta sumana**.

**Doc.** E você acha que têm pessoas que falam mais bonito que outras?

**Inf.** ... Eu acho que não, pois **falá mais bonito é pela facilidade do estudo, quando você é aluno, você se preocupa a falá bem, bem falado, a falá o português legítimo**. A gente sabe que **a língua mais difícil que tem é a portuguesa**. Ela é bem difícil

(8) VNS é uma jovem de 21 anos, nascida na comunidade, cursou o segundo grau na sede do município.

---

3 O agente de família trabalha com a orientação das famílias contempladas no PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. A criança estuda em determinado turno, no outro recebe reforço escolar.

**Inf.** Oh, O falá... o falá... da sede e o falá daqui do Maracujá se fosse pra mim compará, mais bonito sim, o que palavras bem falada é sempre mais bonito do que palavras mal falada ... tem ... tem palavras que ... como é que diz meu Deus ... pode sê transferida (substituída) por outra, né? Te, várias palavras que você tá falano uma palavra e ali vai falá outra e tem o mesmo significado, tem o mesmo significado ...

**Doc.**

**Inf.** Pode substituí por outra e então, aqui no Maracujá tem uma **palavra fraca**, mais aqui na frente tem uma **palavra forte e bonita**, é o mesmo significado, mas lá na sede eles lhe elogia, aqui você foi elogiada com essa palavra, chegô na sede você foi elogiada com aquela palavra que tem significado **mais bonito, mais forte, acho que fica mais elevada**, chega aqui você fica sei lá, alguém fala.

**Doc.** Aqui no Maracujá né, tem alguém que fala bem?

**Inf.** Aqui no Maracujá pra falá a verdade quase ninguém fala bem, não acho que não, eu acho que as pessoas que fala bem, aquelas pessoas aqui que enfrentaram uma escola aqui, aqui no nosso meio. Muita gente num frequentô escola, só frequento escola aqui do ... as pessoas que têm de trinta anos pra cá e oi lá, trinta anos pra lá a maioria nenhuma frequentô escola e se frequentô foi de primeira série a segunda série, no acredi ... essa série num vai pegá uma language assim normal, as pessoas aqui não são pessoas, são pessoas muitos, não é dizê assim, rudes, mas que moraro numa localidade onde não tivero oportunidade, então num fala bem.

De acordo com a comparação que a informante estabelece, a língua da FM é alvo de uma avaliação negativa em relação à língua daqueles que ‘sabem falar’, particularmente, em relação aos sujeitos da zona urbana do município. Assim, as palavras da comunidade são **‘mal faladas, sem sentido, fracas**, opondo-se às da sede, que são **fortes, elevadas, que têm nível**. Nesse sentido, Bourdieu (1983, p. 166) postula que, “no nível dos grupos tomados em seu conjunto, uma língua vale o que valem aqueles que a falam, ao nível das interações entre os indivíduos, o discurso deve sempre uma parte muito importante de seu valor ao valor daqueles que o dominam”. É possível que os valores advindos de um passado de escravidão e de isolamento sejam transferidos para os sujeitos e para sua fala.

Ainda de acordo com Bourdieu, “a estruturada relação de forças simbólicas nunca é somente definida pela estrutura das competências propriamente linguísticas”, mas também do seu modo de produção e de distribuição. Não se pode separar a dimensão propriamente linguística das produções linguísticas.

Vimos que o GR2 é constituído por falantes que têm algum tipo de relação regular fora da comunidade e ou frequentaram por algum período a escola na

zona urbana do município. Esses sujeitos identificam traços de pouco prestígio social na fala da comunidade e fazem uma avaliação negativa da variante rural local. Para eles ‘os mais velhos não sabem falar’, ‘falam incorreto’, ‘não falam a língua legítima’. E os traços típicos estigmatizados passam a ser apreendidos como uma ‘qualidade diferencial’ suficiente para desqualificar a variante (GOFFMAN, 1982).

Analisando-se o discurso do Grupo 2, pode-se observar o valor dado ao saber da escola, reorganizado a partir de fragmentos do discurso prescritivo que circula na sociedade no seu próprio discurso a respeito da língua. Com efeito, segundo as representações desse grupo, saber falar é falar o padrão da escola.

Nesse sentido, como afirma Bourdieu (1998, p. 49), a sociologia da linguagem é logicamente indissociável de uma sociologia da educação, uma vez que a escola, como guardiã da cultura legítima, encontra-se dominada pelos produtos linguísticos da classe dominante, os quais podem ser adquiridos “pela familiarização, ou seja, por uma exposição mais ou menos prolongada à língua legítima e através de regras explícitas inculcadas pelo sistema escolar”; a língua legítima é aquela dos grupos dominantes, e se converte em capital linguístico, favorecendo a obtenção de lucros por aqueles que a detêm.

## Considerações finais

Os informantes da comunidade FM estão diretamente buscando excluir as formas da oralidade, desvalorizando-as, e buscando conformidade com os preceitos da escola que se mostram como lugar privilegiado para a aceitação da produção da linguagem.

Analisando-se o discurso do Grupo 2, pode-se observar o valor dado ao saber da escola, reorganizado a partir de fragmentos do discurso prescritivo que circula na sociedade no seu próprio discurso a respeito da língua. Com efeito, segundo as representações desse grupo, saber falar é falar o padrão da escola.

Assim, os informantes estão diretamente excluindo as formas rurais, não padrão e buscando conformidade com os preceitos escolares que envolvem o conhecimento sistematizado pela escola, como espaço privilegiado para a aceitação da produção da linguagem.

## Referências

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2 ed, São Paulo: EDUSP, 1998.

FASOLD, J. A. *Sociolinguistics of society*. Oxford: Blackwell, 1984.

- FISHMAN, J. A. *The sociology of language: an interdisciplinary social approach to language in society*. Newbury house publishers: Roley, Massachusetts, 1972.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. J. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.
- GUMPERZ, J.; DELL HYMES. *Directions in sociolinguistics: The ethnography of Communication*. Holt, Rinehart and Winston. 1972.
- HYMES, Dell. *Language in culture and society*. New York: Harper & Row, 1964.
- RIOS, I. N. A. *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX*, Universidade Federal da Bahia, 2003. (Dissertação de Mestrado).
- SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication. An introduction*. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1989 [1982].
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Trad. Fernando Tarallo. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.